

ANÁLISE DO SIGNIFICADO DO VERBO *ORU* E SUAS EXPRESSÕES SOB A PERSPECTIVA DA SEMÂNTICA COGNITIVA

Grace Rie Okata

RESUMO: Através da perspectiva e métodos da Semântica Cognitiva propõe-se neste trabalho analisar a construção do significado do verbo *oru*, *oreru* e suas extensões de sentido inclusive em expressões metafóricas e idiomáticas. Apontando os limites da teoria formal, apresentamos em quais aspectos o modelo cognitivo permite descrever a complexidade do fenômeno semântico de forma sistemática, tendo como base as estruturas da cognição humana, as quais estão intimamente relacionadas a experiência e ao conhecimento de mundo.

ABSTRACT: Through the perspective and methods of Cognitive Semantics, we attempt to analyse the meaning of the verb *oru*, *oreru* and their extensions, including metaphorical expressions and idioms. We start presenting some limits of the formal theory and propose how the cognitive model improves the description of the complexities of the meanings systematically. We will focus on the process of meaning construction based on structures of human cognition which are intimately related to experience and knowledge of the world.

PALAVRAS-CHAVE: significado; conceito; Modelo Cognitivo Idealizado; *oru*; *oreru*.

KEYWORDS: meaning, concept, Idealized Cognitive Model, *oru*, *oreru*.

1. O Problema da Definição do Significado e da Significação

Quando não entendemos o significado de uma determinada palavra vamos diretamente aos dicionários de língua. Porém, não raras vezes, somos submetidos a um

círculo vicioso de remissivas por entre palavras sinônimas. Os dicionários de língua também não esclarecem ao usuário a diversidade das extensões e nuances que cada palavra (lexia) possui. Tais dificuldades são multiplicadas quando se trata de uma outra língua, onde os não-nativos assumem inocentemente que determinada palavra tenha as mesmas implicações da de sua correspondente na língua de origem.

Por exemplo, em japonês, para expressar uma ação de “quebrar” um objeto podemos utilizar os verbos *kowasu*, *waru* e *oru*. Vejamos as frases:

(1) *Otoko no hito ga kabin wo kowashita*. (verbo *kowasu*)

“O homem quebrou o vaso”

(2) *Otoko no hito ga take wo watta*. (verbo *waru*)

“O homem quebrou (partiu) o bambu”

(3) *Otoko no hito ga eda wo otta*. (verbo *oru*)

“O homem quebrou (partiu) o galho”

Na frase (1), é possível substituir o verbo *kowasu* por *waru*, entretanto outras substituições não são permitidas em um contexto normal de uso.

Que a estrutura semântica de uma expressão lingüística se fundamenta no princípio da composicionalidade, é um fato consensual e observável no uso do dia-a-dia (Sweetser, Taylor, Cruse), embora haja determinados fenômenos lingüísticos não sujeitos a este princípio tais como as expressões idiomáticas, metáforas ou outras figuras de linguagem (Taylor, 2002:100)¹ Assim, o significado de uma expressão complexa resulta do significado de suas partes e do modo como elas estão combinadas (Taylor). Utilizando-se deste princípio, o falante cria continuamente expressões novas ou complexas dentro de um conjunto finito de unidades lingüísticas disponíveis.

O estudo do significado das expressões lingüísticas pode ser no âmbito das palavras, das frases, das formas gramaticais, dos enunciados entre outros, mas em nossa análise focalizaremos o significado das palavras, mais especificamente o significado dos verbos.

Para se estudar o fenômeno da significação das expressões lingüísticas, citam-se três tipos de abordagens (Taylor, 2002):

- a) a que enfoca as relações (paradigmáticas e/ou sintagmáticas) entre expressões lingüísticas dentro da língua;
- b) a que enfoca as relações entre as expressões lingüísticas e as situações em que podem ser aplicadas: semasiologicamente (MacLaury, 1987), isto é, da língua para o mundo e onomasiologicamente (Geeraerts *et al.*, 1994), isto é, do mundo para a língua²;

1. Para a Semântica Cognitiva, embora o fenômeno metafórico não siga o princípio da composicionalidade em seu sentido restrito, é altamente motivado a partir de seu significado (conceito) básico (Lakoff, Johnson).

2. *Apud* Taylor, 2002:188.

c) a conceptualista que equipara o significado de uma expressão lingüística à conceptualização na mente do falante/sujeito lingüístico.

Neste trabalho restringir-me-ei às abordagens (a) e (c), representadas, respectivamente, pela semântica formal ou estruturalista e a cognitivista. É inegável a contribuição da primeira abordagem para o estudo do significado, pois além de ser a mais antiga com quase um século de aplicação, propiciou o desenvolvimento e o reconhecimento da Semântica como um estudo científico. Entretanto, em nosso ponto de vista, a abordagem cognitivista veio a sanar várias questões não explicadas pela teoria estruturalista, tais como a multiplicidade de sentido e o processo de construção e criação dos significados das expressões lingüísticas, inter e intraculturalmente. Ou seja, o modelo cognitivo possibilita estudar o fenômeno semântico de forma mais abrangente, explicando a sua dinamicidade de produção, o que condiz com o conhecimento intuitivo que temos sobre as línguas naturais. No que diz respeito a abordagem (b), entre as críticas sofridas cita-se a limitação deste modelo para expressões que designam objetos concretos, não possibilitando a explicação de palavras abstratas tais como “amor” “medo” etc.³

2. O Modelo Formal: Teoria Estruturalista

Na teoria estruturalista, de caráter essencialmente formalista, a composicionalidade é utilizada em seu sentido estrito, ou seja, considerada como uma propriedade fundamental das estruturas semânticas. Assim, o vocabulário de uma língua consiste em um todo estruturado, divididos em *campos semânticos* (Bally, Trier) em que cada palavra (*lexia*) pode ser decomposta em componentes menores, denominados *traços semânticos* ou *traços distintivos* ou *sênicos* (Katz e Fodor, Weirinreich, Bollinger, Pottier, Greimas, Ullmann, Vilela entre outros).

O significado das palavras (*lexias*) consiste em uma lista finita de traços que comportam as propriedades relevantes de seus referentes e diferem da lista de traços de qualquer outra *lexia* por, pelo menos, um traço distintivo. Por exemplo, o significado de *quebrar* é estruturado pelos *semas* (traços semânticos) <destruição parcial> + <destruição total> + <de matéria sólida e frágil> + <ficar em pedaços> que, em conjunto, constituem os traços ou *condições necessárias* e, ao mesmo tempo, *suficientes* para que determinada ação seja classificada ou expressada lingüisticamente como *quebrar*. Trata-se, portanto, de uma análise formal do significado em que a palavra é segmentada em constituintes mínimos de sentido e identificados por propriedades combinatórias baseadas em relações lógicas, excluindo-se quaisquer elementos referentes às manifestações do sujeito (falante) e às condições de produção de sentido⁴. O significado, portanto, é visto como uma entidade fixa, estática e um conjunto invariável de infor-

3. Maiores detalhes sobre as limitações desta abordagem em Taylor, 2002:187-190.

4. G. Okata, (2001) parte da dissertação de mestrado apresentada junto à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

mações e a estrutura semântica de todo o léxico, isto é, o vocabulário de uma língua, considerado como um sistema lingüístico global e fechado em si mesmo.

Vários problemas podem ser apontados dentro dessa abordagem formalista. Por exemplo, a suposição de que o significado de uma palavra é uma constante que a acompanha em todas as suas ocorrências contraria a realidade do falar e do usar lingüístico onde encontramos variações de sentido de uma mesma palavra dependendo do contexto em que se insere. Por exemplo, o verbo *andar* designa tipos de movimentos diferentes conforme o sujeito seja um homem, um cachorro ou um carro. Como englobar todos os traços semânticos necessários e suficientes da lexia *andar* tendo em vista os diferentes referentes? Pode haver exceção de um referente que contrarie tal conjunto de condições. Retomando o exemplo anterior do verbo *quebrar*, podemos dizer “vou quebrar um ovo”, embora o objeto ovo não preencha completamente a condição de ser um objeto <de matéria sólida e frágil> nem <destruição>.

Ainda ligada a esta primeira questão, como tratar o fenômeno da polissemia, uma vez que a maior parte das lexias é polissêmica em maior ou menor grau? O que entra na categoria de *quebrar* ou *andar* e o que não entra? A noção formal de categorização da tradição aristotélica adotada pela teoria estruturalista não resolve tais questões⁵

Outra dificuldade é a limitação de sua metodologia, baseada em uma estruturação lógico-formal de análise e com uma visão fechada, fica restrita ao sistema lingüístico, não permitindo explicar, por exemplo, o fato do falante criar novas frases o tempo todo e ser capaz de entender novas frases que nunca ouviram antes, ou ainda, não permite explicar as idiosincrasias culturais e lingüísticas de outras línguas. Assim, há que se considerar elementos extralingüísticos e conceptuais, tal como propõe a Lingüística Cognitiva.

3. O Modelo Cognitivista: Teoria da Semântica Cognitiva

A partir da década de 1980, a Lingüística Cognitiva ganha destaque nas pesquisas lingüísticas apregoando o sistema lingüístico não autônomo das capacidades cognitivas ou psicológicas. Em termos gerais, denomina-se Semântica Cognitiva qualquer abordagem mentalista do significado que adote a perspectiva de significado e referente (Löbner, 2002:192). O termo “Semântica Cognitiva” para Talmy (2001:3) é redundante, pois, para o autor a semântica é intrinsecamente cognitiva. Para Talmy, o que faltava no modelo da semântica tradicional era o aspecto psicológico, pois esta trata o significado como algo independente da mentes.

Enquanto a teoria estruturalista estuda o fenômeno semântico descrevendo as relações do significado, a teoria cognitivista estuda o significado em si, o porquê das palavras denotarem o que denotam. Visualiza-se a diferença de enfoque entre as duas abordagens adaptando-se no triângulo semiótico de Ogden e Richards (figura 1): a semântica estruturalista focaliza exclusivamente o lado esquerdo do triângulo, isto é,

5. Lakoff (1987) discute esta questão com profundidade.

considera os elementos expressão e significado, estando o referente (a entidade denotada) fora do objeto de análise; já no enfoque cognitivista, focaliza a base do triângulo, isto é, o significado e o processo de como este determina o denotado.

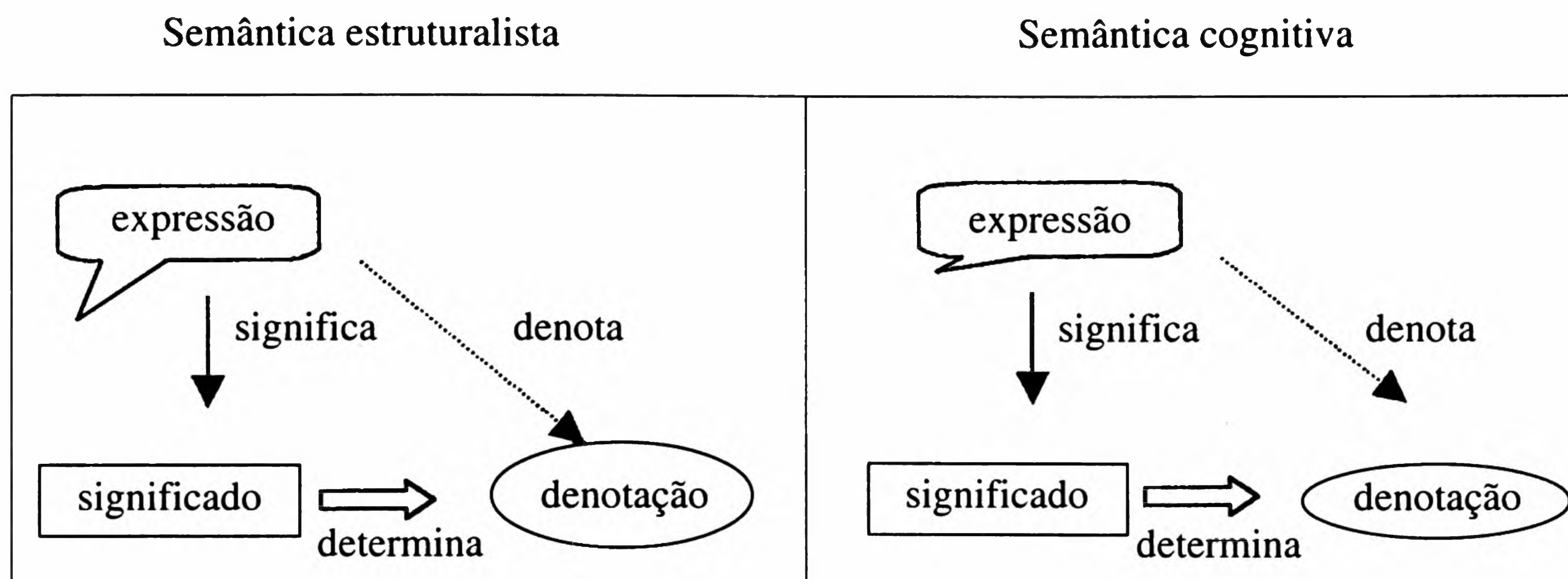


Figura 1 (Lobner 2002:128 e 172)

Tal processo dá-se através da categorização, definida como o ato mental de classificar as coisas e formar categorias que servem de base à cognição em todos os aspectos. Tudo o que entra em nossa mente, atribuímos a uma ou mais categorias. Baseados na teoria dos Protótipos, para os cognitivistas, as categorias são definidas de acordo com os protótipos, isto é, através de exemplos que melhor ou tipicamente representam a categoria em questão. Há uma gradação entre os membros de uma categoria, dos mais típicos aos menos, além da existência de limites difusos ou fluidos (*fuzziness*) entre as categorias. Outra contribuição importante da teoria dos protótipos está na proposição de uma organização hierárquica de nosso sistema de categorização, sendo o nível básico de categorização a mais utilizada em nosso ato de pensar e classificar. Trata-se, portanto, de uma visão completamente diferente da categorização aristotélica baseada em um conjunto de condições necessárias que, juntas, tornam-se suficientes para classificar a entidade (referente/denotado) como seu membro.

Assim, participa do processo cognitivo a formação de esquemas ou imagens mentais (visuais, sonoros etc.) através das estruturas cognitivas, da percepção, de modelos cognitivos enriquecidos por experiências, vivências e conhecimento de mundo.

Nesta abordagem, o significado é considerado não apenas como um fenômeno do sistema lingüístico, mas de todo nosso sistema cognitivo, daí sua metodologia estar baseada em fundamentos da psicologia cognitiva. Salomão (1999) acrescenta ainda o elemento “interação social”, pelo fato de as línguas naturais “se amoldarem” às necessidades de representação de pensamentos e de interação entre os membros de uma comunidade considerada não só pelo seu aspecto lingüístico, mas também pelo sociocultural. Assim, denomina esta nova abordagem como *sociocognitiva*⁶.

Segundo Lakoff (1987) muito de nosso conhecimento cultural é organizado em termos de ideais que levam a efeitos prototípicos. O significado de uma lexia se organiza

6. *Apud* Chiavegatto, 2002:131.

como um *Modelo Cognitivo Idealizado* (MCI) que determina um contexto ideal de identificação da categoria. Vale ressaltar que esse modelo idealizado não corresponde diretamente à estrutura do mundo. O significado de uma palavra não determina, *ipso facto*, a sua referência. O falante realiza, na mente (nos *espaços mentais*), uma combinação de estrutura determinada pelo MCI e seu conhecimento específico (de mundo, de relações sociais etc.) para enquadrar (dentro, fora ou marginalmente) o referente à categoria da lexia (Lakoff:1987, Fauconnier:1994, Salomão:1999, Taylor:2002). Por exemplo, cada pessoa tem um MCI de “vaso” nem sempre sendo exatamente a mesma representação entre os falantes.

Destarte, o significado não pode ser previsto pelos significados de suas partes componentes no sentido restrito da composicionalidade, pois consistem de representações conceituais. Há, entretanto, na construção do significado, uma informação nuclear do sentido básico que é transferida ou ativada para outros domínios de sentidos. Esse processo de transferência assume tal dinamicidade que acabam sendo ativadas muito mais informações do que os sentidos básicos das palavras expressam literalmente. Daí dizer que o significado de uma lexia é motivado, em maior ou menor escala (Lakoff, Chiavegatto).

4. Metodologia da Análise Cognitiva

Se a Semântica cognitiva trata da organização conceptual da língua, esta vai verificar como o conteúdo conceptual é organizado na mente. O termo “semântico” é apenas a forma especificamente lingüística de uma noção mais genérica de “conceptual”. A pesquisa na Semântica Cognitiva refere-se à pesquisa do conteúdo conceptual e sua organização em geral, o que engloba não somente um conteúdo ideacional (conceptual), mas também qualquer conteúdo experiencial no nível da consciência, inclusive sentimento e percepção. Nesse percurso há uma diferença de acessibilidade à consciência dependendo do aspecto dentro do sistema semântico. Para Talmy (2001), o método direto para se chegar ao significado é a introspecção. “Tal introspecção deve ser rigorosa, manipulando-se, controladamente, o material lingüístico cujo significado está sendo acessado. Por outro lado, para os aspectos do significado não acessíveis diretamente pela introspecção, utiliza-se um método indireto através da comparação e abstração. O resultado do método introspectivo deve ser correlacionado com resultados de outras metodologias, tais como relatórios introspectivos de outras pessoas, análise do discurso e *corpora*, análise interlingüística e diacrônica, avaliação do contexto e estrutura cultural, observação e técnicas experimentais de psicolingüística, estudos neuropsicológicos entre outros”⁷

O autor justifica o uso do método introspectivo nos estudos de significação com a seguinte analogia: se o estudo consiste em geologia, vai-se examinar a terra. Do mesmo modo, se o estudo é a significação, deve-se ir onde o significado está localizado,

7. Talmy (2001:6).

isto é, na experiência consciente da mente. Tal “ida” a sua locação consiste na introspecção (Talmy, 2001:6).

Apoiando-nos nesta visão, daremos prosseguimento aos estudos anteriores sobre o significado no nível das palavras (nível lexical), onde abordamos os verbos *quebrar*, *kowasu* e *waru*, e suas respectivas extensões de sentido nas expressões lingüísticas (Okata:2001). Neste trabalho trataremos do verbo *oru*, traduzidos pelos dicionários de língua como: “quebrar” “partir” “fraturar” e “dobrar”⁸. Com base na metodologia de investigação proposta por Talmy, partimos da introspecção e do conhecimento lingüístico que temos sobre a língua e correlacionamos o resultado desta primeira etapa com o *corpus*, constituído por exemplos criados ou retirados principalmente de obras literárias de autores japoneses da era moderna.

Porém, antes de entrarmos na análise propriamente dita, precisamos situar o leitor nas estruturas conceptuais subjacentes na construção dos conceitos de *oru* e seu MCI.

5. Sentido Básico de Oru Modelo Cognitivo Idealizado (MCI) de ORU

Segundo a abordagem cognitivista, a língua é baseada na cognição, assim sendo, a estrutura da língua também se utiliza dos mesmos recursos da estruturação dos modelos cognitivos. Assumimos que as lexias estão diretamente conectadas a estruturas conceptuais que articulam as representações mentais formadas pelo armazenamento de conhecimento e experiências de mundo, e obtêm seu significado por estarem fortemente relacionadas a estas experiências, isto é, diretamente associadas a Modelos Cognitivos Idealizados (MCI). Tais estruturas encontram-se subjacentes na construção do significado, na sua manifestação lingüística, na comunicação e na conceptualização da visão de mundo.

Conforme enfatizamos anteriormente, o significado não constitui uma representação direta da entidade do mundo real, mas é representado figurativamente na mente. Os conhecimentos e as experiências com o mundo real são estruturalmente armazenados em *domínios mentais (espaços mentais)* onde se processam complexas operações mentais (*processos cognitivos*). O modo como armazenados ou arquivamos tais conhecimentos e experiências são de naturezas variadas quais sejam:

- através de esquemas imagéticos: advindos de experiências mais básicas tais como corpos interagindo em um espaço;
- MCI (modelos cognitivos idealizados): advindos do arquivamento de experiências socioculturais, podendo ser caracterizados como modelos de cenários, molduras comunicativas, enquadres de cenas ou *frames*⁹ (atribuição de perspectivas diferentes, direcionando a atenção a uma determinada situação e não outra), *scripts* (seqüência de ações rotinizadas ou padronizadas) e funções sociais (por exemplo, o desempenho que se espera do indivíduo em uma determinada situação social);

8. *Dicionário Universal Japonês-português*, J. Coelho e Y. Hida, Tóquio, Shôgakukan, 1998.

9. *Frames* são estruturas cognitivas dependentes contextual e culturalmente (Fillmore, 1992).

- Modelos culturais: espécies de MCIs que são culturalmente localizados (também modelos ideológicos que normatizam, por exemplo, ações e comportamentos sociais: modelos de casamento, de manifestação de raiva)¹⁰.

Em suma, MCIs são representações conceptuais dos conhecimentos de mundo, adquiridos seja através de experiências diretas como indiretas, isto é, já pré-estabelecidas ou herdadas socialmente. A cada nova experiência ou novo conhecimento, categorizamos em um dos *contêiners* existentes no arquivo da memória, e através de complexas e dinâmicas operações cognitivas, processamos tal informação transferindo-as de um domínio (ou *espaços mentais* na terminologia de Fauconnier:1994) para outro, ativando ou não determinados elementos.

Passemos então a nossa atenção à descrição representativa do evento de *oru*. Vejamos alguns exemplos prototípicos de ORU:

(4) *Enpitsu no shin wo otta.*
“Quebrei a mina do lápis”

(5) *Kare wa [...] macchi wo ottari, chawan wo ijittari kangaekondeita.* (PAN:366)
“Ele quebrava o palito de fósforo, mexia a tigela, estava imerso em seus pensamentos.”

(6) *Spaguetti wo yuderu toki wa, tekitô ni otte kudasai.* (KI)
“Quando for cozinhar o macarrão, quebre/parta (no tamanho) conveniente.”

(7) *Yakyû no batto ga oreta* (KI)
“O bastão de baseball quebrou/partiu.”

(8) *Kuki wa bakufû de nemoto kara pokkiri ore [...]* (KURO:420)
“A haste (da flor) quebrou/partiu na raiz com o forte vento”

(9) *Ki no eda ga ôkaze de oreta.* (KI)
“O galho da árvore quebrou/partiu.”

Pelos exemplos acima, pode-se apreender o cenário prototípico (ou MCI) de *oru* que envolve os seguintes elementos:

Agente da ação = A
Instrumento ou meio = I
Objeto-paciente (ou objeto afetado) = O
Ação = evento de quebrar, partir
Resultado do evento = objeto-paciente quebrado, partido.

Assim como “quebrar” em português, *oru* é um evento do tipo *causal* constituído por vários sub-eventos que estabelecem uma *cadeia causal* (Talmy:1976; Langacker:1990). Dada uma situação prototípica de ação intencional ou *causativa*, podem ser levantados os seguintes estágios (imaginemos a situação do exemplo 4):

10. Chiavegatto, 2002:194.

(4) *Enpitsu no shin wo otta.* (Quebrei a mina do lápis.)

Estágio I: o agente tenciona agir (entretanto, a ação pode não ser intencional.

Nesse caso, focaliza-se somente a presença do agente.). O agente decide que vai quebrar a ponta do lápis.

Estágio II: movimento para iniciar o evento causativo. O agente pega o lápis nas mãos (I) e aplica uma força em algum ponto do lápis.

Estágio III: sub-evento intermediário. Não há (no caso de “quebrar” há, por exemplo, o percurso do deslocamento de uma pedra no ar antes de atingir o vidro da janela¹¹)

Estágio IV: causa imediata da ação. O instante em que o lápis se parte com a força aplicada.

Estágio V: resultado final da ação. O agente atinge seu objetivo. O lápis se parte em dois.

Embora a ação física de *oru* passe por tais estágios denominados sub-eventos, nossa mente não processa todos os elementos participantes da ação com a mesma atenção. Geralmente enfocamos somente os estágios mais proeminentes, em uma relação de *figura* (a entidade em proeminência) e *fundo* (o cenário de fundo contra o qual contrasta a entidade focalizada), no caso do exemplo acima, os estágios IV, V e I. E são exatamente esses estágios os atualizados lingüisticamente. Neste exemplo tem-se, então, o *frame*-evento de uma cadeia de ação com três elementos focalizados: o agente, o objeto (estágio I) e o estado final, resultado da ação (V). Assim é a forma como selecionamos as informações do mundo real e as organizamos para expressar lingüisticamente (Langacker, 1987).

Há que ressaltar a existência de restrição quanto à forma do objeto. Para se expressar *oru*, o objeto deve ser fino e comprido, conforme se verifica nos exemplos (4) a (8), lápis, palito de fósforo, macarrão tipo espaguete, bastão de beisebol e haste de flor. Não se usa, portanto, para “vaso” como no exemplo (1), “cadeira” “chave” etc. Retomando os exemplos (2) e (3), verificamos outra restrição para o uso de *oru*, embora tanto um pedaço de bambu como galho sejam objetos finos e compridos:

(2) *Otoko no hito ga take wo watta.* (verbo *waru*)

“O homem quebrou (partiu) o bambu”.

(3) *Otoko no hito ga eda wo otta.* (verbo *oru*)

“O homem quebrou (partiu) o galho”

No exemplo (2) com o verbo *waru*, visualiza-se uma cena em que um homem, com o uso de um objeto cortante como uma machadinha (embora não expresse lingüisticamente) partindo o bambu em dois no sentido vertical. Por ter usado um objeto cortante, as bordas das partes partidas ficam de forma relativamente alinhada.

No caso de *oru*, visualiza-se uma cena em que o homem pega o galho com suas mãos e, aplicando uma força nas extremidades como que dobrando o objeto ao meio,

11. Okata, 2001:52.

tenha partido ou quebrado. Assim, a parte quebrada encontra-se totalmente desalinhada.

Representando as duas cenas visualmente, tem-se o seguinte esquema imagético:

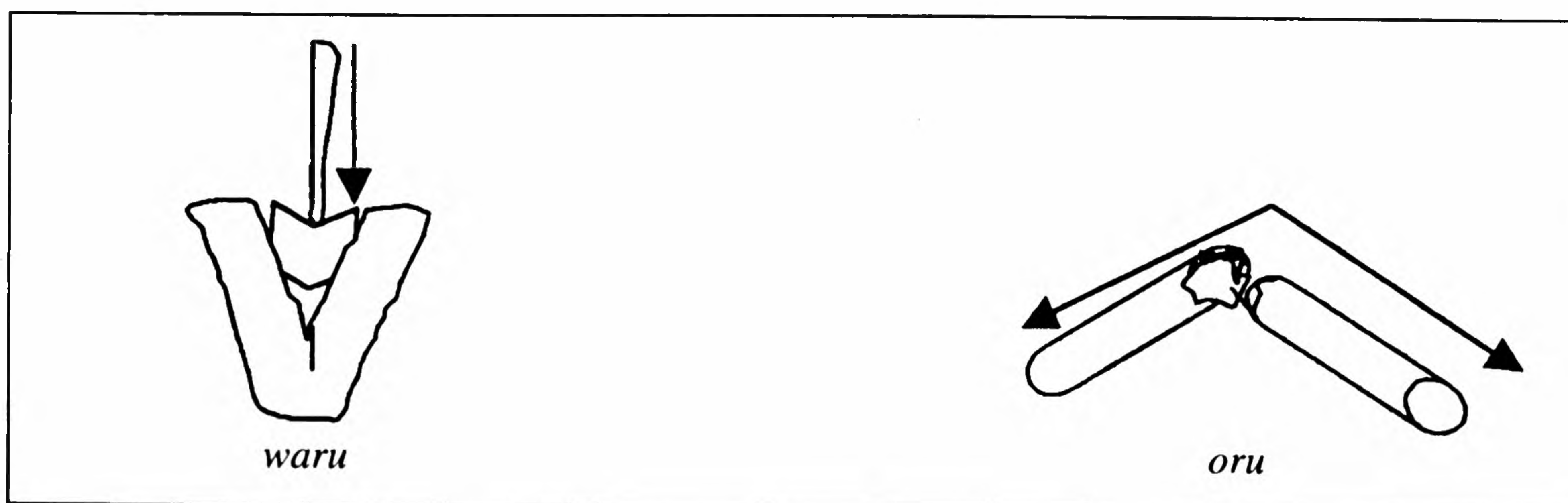


Figura 2 (Morita, 1993:1243)

Vale ressaltar que em *waru*, nem sempre é necessário haver um instrumento cortante, como em:

(10a) *Sembei wo futatsu ni watta*
 “Parti, quebrei o biscoito em dois”

Neste caso, embora a pessoa tenha feito um movimento semelhante ao *oru* acima referido, pelo biscoito não ter a forma fina e comprida não se pode expressar com *oru*:

(10 b) * *Senbei wo otta*.

Assim, pode-se afirmar que no MCI de *oru* é imprescindível o esquema imagético do objeto fino e comprido, e com o uso da força partir o objeto em dois, conforme atestam os exemplos abaixo:

(11) *Chokkei 50 centi no suidôkan mo heshiorete anguri kuchi wo akete kuda no naka ga oku made miete ita.* (KURO:417)

“O cano de água de 50 cm² se quebrou/partiu, abriu a boca e dava para ver por dentro até o fundo.”

(12) *Sono hakujin no fureau oto, take no hashira no oreru oto [...] sô iu monotoo ga susamajiku, ichido ni itashita [...]* (JAS:254)

“O som desse sabre (espada) se tocando, o som do pilar de bambu se quebrando/partindo, esse tipo de barulho aconteceu de uma vez estrondosamente.”¹²

(13) *Atama ga saki ni kudakeru ka shiran. Ashi ga saki ni oreru ka shiran.* (UMA:195)

“Não sei se a cabeça vai rachar primeiro. Não sei se a perna vai quebrar primeiro.”

12. Neste caso, imagina-se que o sabre tenha feito apenas um pequeno corte no pilar do bambu, mas com a gravidade, tenha se partido caindo ao chão. Caso o pilar de bambu tenha sido cortado completamente com o sabre, não seria possível expressar com *oru*.

(14) *Gakusei jidai ni undôkai de ashi wo otte hiza ga hanbun shika magaranakunatte iru mono mo ita.* (KURO:528)

“Também havia aqueles que, na época de estudante, quebraram a perna na gincana poliesportiva e os joelhos dobravam só até a metade.”

6. Variante do MCI de *oru*

Nos dicionários de língua encontramos *oru* com sentido polissêmico de “dobrar” “curvar”. Entretanto, do esquema imagético de *oru* (figura 1), é fácil visualizar a extensão da noção de “quebrar, partir em dois” para “dobrar” pois consiste do mesmo evento *frame*. Enquanto *oru* com o sentido de “partir, quebrar” focaliza o estágio IV, isto é, o instante de ruptura do objeto fino e comprido, e o estágio V, resultado da ação, *oru* com o sentido de “dobrar” é percebido como tendo mais sub-eventos por ser uma ação não instantânea como em “quebrar”. Visualizando temos o esquema com o estágio (a) representando o momento de ruptura do objeto e (b) e (c) (Figura 2), representando a continuação do movimento do objeto que vai curvando até que uma parte fique completamente em cima da outra:

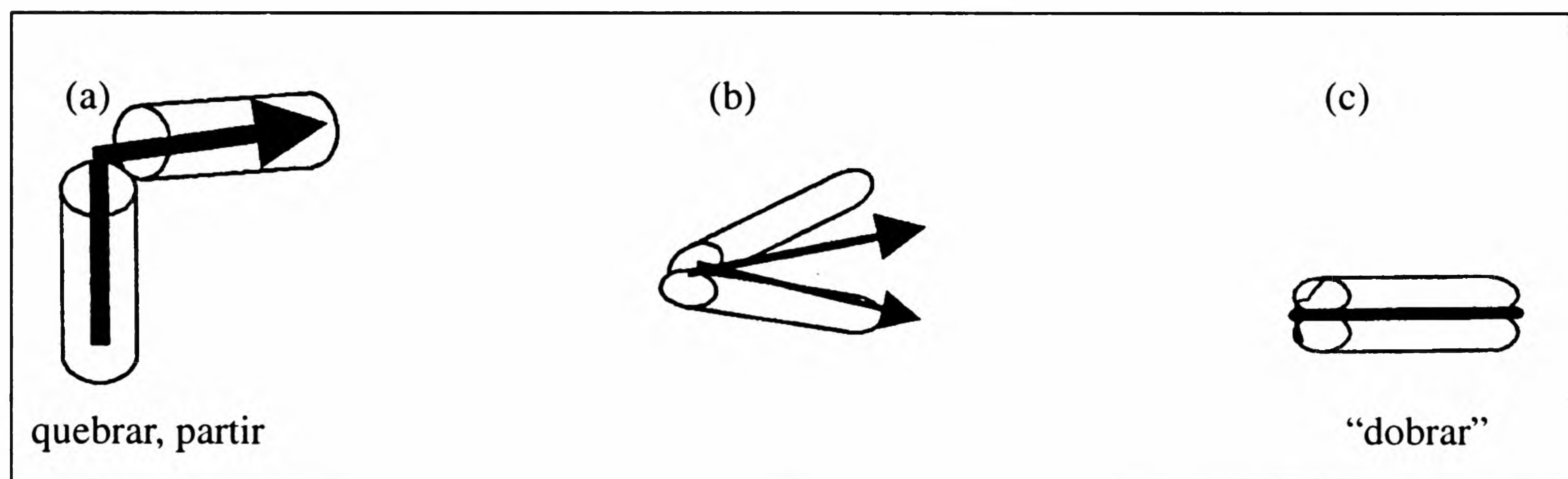


Figura 3

Para que um objeto se curve até que fique um em cima do outro sem separar em partes, deve ser de natureza maleável e não rígida tais como galho, bastão de baseball etc. Assim, o objeto-paciente de *oru* com sentido de “dobrar” terá outras características. Vejamos alguns exemplos de expressões lingüísticas com o sentido de “dobrar, curvar”:

(15) *Kare wa shinbun wo futatsu ni otte têburu no ue ni oita.*

“Ele dobrou o jornal e o pôs em cima da mesa.”

(16) *Dewa imakara minna de tsuru wo orimashô.*

“Então, a partir de agora vamos dobrar (fazer dobradura) todos um grou.”

(17) *Furoshiki wo otte kirei ni tatamu.*

“Dobrar bem o pano quadrado.”

(18) *Oritatami shiki no isu wo katta.*

“Comprei uma cadeira de tipo dobrável.”

(19) *Kasa wo otte mijikaku shita.*

“Dobrou (o cabo do) guarda-chuva e fez ficar mais curto.”

(20) *Ano hiza wo otte utsubuse ni natta. Kanzen ni mubôbina ikejichi no shisei [...]*
(SUNA:99)

“Dobrou aqueles joelhos e ficou de braços. Uma posição de um refém completamente indefeso.”

(21) *Yubi wo otte ensoku made no hikazu wo kazoeta.*

“Contou os dias até a excursão pelos dedos (dobrando os dedos da mão).”

(22) *Onnaga, ashi no yubi wo tsuyoku uchigawa ni orimageta.* (SUNA:208)

“A mulher dobrou os dedos dos pés para dentro fortemente.”

(23) *Hakike ga komiagete kita. Karada wo otte i wo hikitsukaseru. Kîroi ieki to namida ga afuredashite kita.* (KUS:274)

“Sentiu vontade de vomitar. Dobrou o corpo e fez o estômago se contrair. Começou a sair o suco gástrico amarelo e lágrimas.”

(24) *Soko no deijô no kubomi ni orikasanatteiru dojô ga hotondo mô hone dake ni natte ita.* (KURO:645)

“Os bagres que estavam uns em cima dos outros (como se tivessem dobrados um em cima do outro) na cavidade sobre o fundo da lama eram quase só ossos.”

Pelos exemplos verifica-se que em *oru* com o sentido de “dobrar”, não há mais restrição quanto ao objeto paciente ser fino e comprido como no *oru* “partir, quebrar” podendo ser jornal, papel de dobradura, pano quadrado (para embrulhos), cabo de guarda-chuva, cadeira (dobrável), joelho, dedos, corpo etc. No caso de objetos rígidos como cabo de guarda-chuva ou cadeira dobrável, são feitas de forma que não haja a quebra do objeto em partes com o auxílio de dobradiças ou anilhas, daí ser possível expressar com *oru* (dobrar). O mesmo pode ser dito com relação a joelho, dedo e corpo, pois são partes do corpo possíveis de se curvar ou dobrar sem haver ruptura das mesmas. Para expressar que há ruptura, usa-se *oru* anterior com o uso do mesmo ideograma. Assim, a expressão “*Yubi wo otta*” pode ser ambígua, pois pode expressar “dobrou o dedo” como também “quebrou o dedo” sendo que neste exemplo há uma construção metonímica onde o todo está pelo lugar da parte, isto é, o dedo está representando, na verdade, a ruptura do osso interior deste.

7 Extensão do MCI Básico de *oru*

Oru também é usado para expressar o movimento expresso na figura (2- a) não apenas para descrever o movimento do objeto como também a ação de fazer o movimento em si em um espaço, conforme ilustram os usos abaixo:

(25) *Michi wa shiranakatta ga hidari ni orete dokomademo aruite ikeba,hoteru no aru ikkakun idesoudatta.* (ISS:275)

“Não conhecia a rua, mas se dobrasse à esquerda e fosse andando até onde desse, parecia sair em uma esquina onde ficava o hotel.”

(26) *Mota baiku ga [...] mado no shita wo tooru komichi e oreruto [...]* (SHINOBU GAWA:343)

Quando a bicicleta motorizada dobrou para a ruela que passa debaixo da janela [...]

(27) *Sara ni susunde migi ni komichi wo ore, karada ga yatto hairu kurai no kurai kaidan wo agaru.* (BUN:85)

“Avançando ainda mais, dobrou a viela à direita e subiu a escada escura onde mal passava o corpo.”

Em tais usos verifica-se a co-ocorrência com expressões lingüísticas que complementam o esquema imagético do movimento da ação de dobrar, para um lado ou para outro, por exemplo: “para a esquerda” “para a direita” “a esquina”, sendo que esta última é a própria imagem esquemática de dobrar (┘). Em geral, utiliza-se *oru* para expressar manobras bruscas de curva ou curvas acentuadas. Quando faz curvas de modo tranqüilo utiliza o verbo *magaru* (“virar”), por exemplo: *migui ni magaru* “virar à direita”

Vale ressaltar o fato de tais expressões serem usadas essencialmente na forma intransitiva *oreru*. As relações entre modelos cognitivos e gramática serão abordadas no item 11.

8. O Processo de Mapeamento de um Domínio de Sentido para Outro

Vimos até agora algumas variantes de um mesmo evento conforme o direcionamento da atenção que damos, em outras palavras, conforme a mudança de perspectiva (*frames*) de uma mesma cena. Dessa mudança de foco decorre a reestruturação do esquema imagético e um novo sentido é construído com novos elementos participantes ou ativados. Segundo o *princípio de direcionalidade* de Lakoff (1987), os conceitos abstratos são construídos a partir de conceitos mais concretos, os domínios mais complexos são construídos a partir de elementos do domínio mais simples ou básico. Nesse sentido é similar ao conceito de composicionalidade em que estruturas complexas são construídas a partir de estruturas mais simples, embora o significado do todo não seja exatamente a soma de suas partes, como apregoa o princípio da composicionalidade em seu sentido restrito.

É importante ressaltar que no processo de transferência de elementos do domínio¹³ de origem (*domínio-fonte*) para o *domínio-alvo* não ocorre a transposição total dos elementos de origem para o outro, mas de modo parcial, isto é, apenas determinados atributos são *mapeados* de um domínio para outro. Esse mapeamento não ocorre de forma dicotômica em que um atributo *x* é transposto para o novo domínio como *x* conforme apregoa a teoria lakofiana. Ao analisar a infinita possibilidade de contextos em que pode ocorrer a transferência e expansão do sentido básico, verificou-se a existência de atributos não presentes no domínio-fonte, mas presentes apenas no domínio-alvo. Tal

13. Um domínio conceptual é definido como qualquer conhecimento ou organização de experiência coerente que obtemos através da vivência direta ou indireta como o mundo concreto (Lakoff e Johnson, 1980).

fenômeno é possível de ser explicado através da Teoria de Espaços Mentais de Fauconnier (1994) e Turner, teoria esta que veio a complementar e esclarecer a dinamicidade do processo de mapeamento entre domínios cognitivos através dos *espaços mentais* e dos mecanismos de *conceptual blending* ou *combinação conceptual* em português.

Chiavegatto (2002:204) sintetiza a definição de espaços mentais de Fauconnier como construções teóricas, configuradas como arquivos de trabalho que abrimos na mente, funcionam como base de organização de conhecimentos localizados no desenvolvimento da representação do pensamento em linguagem. São precariamente produzidos, pois emergem na mente e, tão logo organizem os enunciados desaparecem, sendo diferentes e novos à medida que pensamento e fala progridem. Embora sejam anteriores aos domínios conceptuais (MCIs, molduras comunicativas etc.), os espaços mentais herdam elementos de outros espaços e domínios que sejam contextualmente relevantes na sua estruturação. Trata-se, portanto, de um espaço epistêmico de organização do pensamento em linguagem, “instaurados para gerenciarmos os processos de inferenciação. Eles existem por causa de nossa necessidade de individualizar diferenças de tempo, espaços físicos, crenças, discursos, modos comunicativos. Nesses espaços realizam-se as relações de contraposição entre os diferentes eventos manifestos nos discursos” (Chiavegatto:205)

No processo de combinação conceptual, há, além de no mínimo dois espaços mentais (os que servem de origem, isto é *input₁* e *input₂*), um *espaço genérico* com atributos em comum entre os dois espaços input, ou espaços de entrada. Em um quarto espaço mental, o da *combinação* ou *mesclagem* (*blending*), que é diferente do genérico, ocorre a incorporação e processamento dos atributos selecionados dos espaços input 1 e 2, construindo uma lógica própria deste e, conseqüentemente, possibilitando o surgimento de novos atributos inexistentes nos espaços de entrada. O espaço da combinação conceptual tem, portanto, um caráter interdependente em relação aos domínios que lhe serviram como entrada de dados. Retomando o processo da construção do significado, Turner define o significado como:

O sentido não está depositado em um armazém de conceitos. Pelo contrário, é vivo e ativo, dinâmico e distribuído, construído para propósitos locais de conhecimento e de ação. Os significados não são objetos mentais, circunscritos em regiões conceituais, mas complexas operações de projeção, ligação, conexão, mesclagem e integração de múltiplos espaços conceituais¹⁴.

No que se segue, analisaremos algumas expressões metafóricas *convencionalizadas* de *oru*, ou seja, aquelas já cristalizadas e arraigadas no uso cotidiano da língua japonesa.

9. A Metáfora Segundo a Visão Cognitivista

Pode-se dizer que a Linguística Cognitiva se popularizou na comunidade científica a partir da publicação da obra *Metaphors we live by*, de Lakoff e Johnson em 1980,

14. *Apud* Chiavegatto:150.

posicionando a metáfora como um fenômeno central na língua e no pensamento. Assim, o que na gramática tradicional era tratada como figura de retórica e objeto de estudos de certos gêneros literários, tais como a poesia, a literatura e o discurso religioso, passa a ser considerado como um fenômeno essencial e onipresente em nosso fazer lingüístico, atuando não de forma arbitrária, mas sistemática e coerente. Verificou-se que sua manifestação não se restringe à língua, estando presente também nas ações e na estruturação do pensamento.

Destarte, na Lingüística Cognitiva, o termo “metáfora” é entendido como metáfora conceptual em oposição à metáfora lingüística, sendo esta última considerada uma forma de manifestação onde subjaz a correspondente metáfora conceptual. Isto significa dizer que as expressões metafóricas estão conectadas a conceitos metafóricos de modo sistemático possibilitando estudar a natureza do processo metafórico através de suas manifestações lingüísticas. A essência do processo metafórico está em compreender e vivenciar algo em termos de outro, ou seja, a metáfora conceptual consiste em entender um domínio conceptual em termos de outro.

Lakoff e Johnson (1980) classificam as metáforas conceptuais em *convencionais* e *emergentes*, sendo as primeiras aquelas já cristalizadas na língua e as emergentes, as novas metáforas criadas a partir das já existentes ou através de outros processos cognitivos. Dentre as metáforas convencionais distinguem-se ainda em: ontológicas, orientacionais e estruturais. Em nosso trabalho restringir-nos-emos às metáforas ontológicas e orientacionais¹⁵.

Segundo os autores, nossas experiências com objetos físicos, com substâncias concretas e com o nosso próprio corpo fornecem bases para uma grande variedade de metáforas ontológicas. Através das metáforas ontológicas conceptualizamos, categorizamos, entendemos conceitos abstratos, eventos, atividades, emoções, idéias como entidades discretas ou substâncias uniformes. Assim, mesmo que entidades ou conceitos abstratos não tenham limites ou formas bem definidas como objetos concretos, categorizamos como sendo objetos dotados de forma, bordas e outros atributos característicos a objetos concretos. Por exemplo, às entidades abstratas ou não discretas como “mar” “dia”, “hora”, “alegria” “amor” “fome” etc., embora não sejam objetos concretos ou com bordas delimitadas, categorizamos, atribuímos qualidades, quantificamos, agrupamos, referimos, enfim, manipulamo-as conceptualmente como se fossem objetos concretos. Assim expressamos: “Cantemos com bastante alegria”; “Desejamos muitas felicidades a você.”, onde as entidades abstratas “alegria” e “felicidade” são vistas como objetos quantificáveis. Ou ainda, “Quem tem uma boa idéia?” onde “idéia” é conceptualizada como um objeto e que, portanto, pode ser possuído. Neste último exemplo temos as seguintes metáforas ontológicas, aqui expressas em letras maiúsculas, entre os sinais de soma (+) e na forma de proposição “X é Y”:

+ A MENTE É UM RECIPIENTE PARA IDÉIAS +
+ IDÉIAS SÃO OBJETOS +

15. Sobre outros tipos de metáforas conceptuais ver Lakoff e Johnson (1980).

Destarte a categoria IDÉIA é compreendida como sendo um +RECIPIENTE+, que, combinado com a segunda metáfora pode ser compreendida como objeto ou mercadoria. Daí as expressões, “ter idéias” “comprar idéias” “grandes idéias”, “idéia fixa” etc., onde são transferidas as mesmas propriedades dos objetos ou ações do homem para com esses objetos.

As metáforas orientacionais são as que não estruturam um conceito em termos de outro, mas organizam espacialmente todo um sistema de conceitos uns com outros, por exemplo, os conceitos: em cima-embaixo, dentro-fora, centro-periférico entre outros. As orientações espaciais se originam da existência de corpos como os nossos e como eles funcionam no ambiente físico. As metáforas orientacionais dão uma orientação espacial aos conceitos. Por exemplo os conceitos “alegria” e “tristeza” são associados às seguintes direções:

+ALEGRIA É PARA CIMA, TRISTEZA É PARA BAIXO+

Os autores sugerem como explicação dessa metáfora orientacional o fato de as pessoas tristes ou depressivas terem uma postura caída, baixa ou encolhida, e, por outro lado, uma pessoa feliz apresentar uma postura ereta. Como exemplos de expressões lingüísticas baseadas nessa metáfora temos “Estou me sentindo para cima hoje” ou “Estou me sentindo para baixo.” A mesma orientação (para cima/ para baixo) é atribuída aos conceitos MAIS e MENOS. Assim temos:

+MAIS É PARA CIMA, MENOS É PARA BAIXO+

Tal metáfora conceptual advém da experiência física em que ao adicionarmos mais substância ou objeto em um recipiente ou uma pilha, o nível vai para cima. Como exemplos de expressões lingüísticas baseadas nessa metáfora orientacional temos “O índice de inflação continua subindo” ou “A credibilidade do Brasil está baixa perante os credores do FMI”

A metáfora orientacional baseia-se não apenas nos aspectos físicos experienciais mas também sociais e culturais. Por exemplo, dentro de uma sociedade, ter mais poder, maior prestígio social e/ou financeiro significa estar na parte de cima da escala social, daí a expressão “alta sociedade” e o oposto, isto é, não ter poder, prestígio social ou financeiro significa estar na camada inferior da escala social:

+STATUS SOCIAL ALTO É PARA CIMA,
STATUS SOCIAL BAIXO É PARA BAIXO+

Para Lakoff e Johnson, nenhuma metáfora pode ser compreendida ou representada adequadamente se for tratada independente da base experiencial, embora possam ser constituídos de diferentes experiências para um mesmo conceito. Nos exemplos acima, são diferentes as bases de experiências de ALEGRIA e STATUS SOCIAL ALTO mas são expressadas com a mesma orientação PARA CIMA.

De um modo geral, as estruturas metafóricas encontram-se arraigadas em nosso

pensar e falar lingüístico, muitas vezes não sendo percebidas como metafóricas conforme ilustram os exemplos acima citados. Trata-se portanto, de um processo natural de conceptualização, significação, denotação e expressão, evidenciando o fato da cognição e língua estarem intrinsecamente relacionadas.

Feito as ressalvas teóricas, passemos à análise propriamente dita das expressões metafóricas convencionalizadas de *oru*.

10. Análise de Expressões Metafóricas de Oru

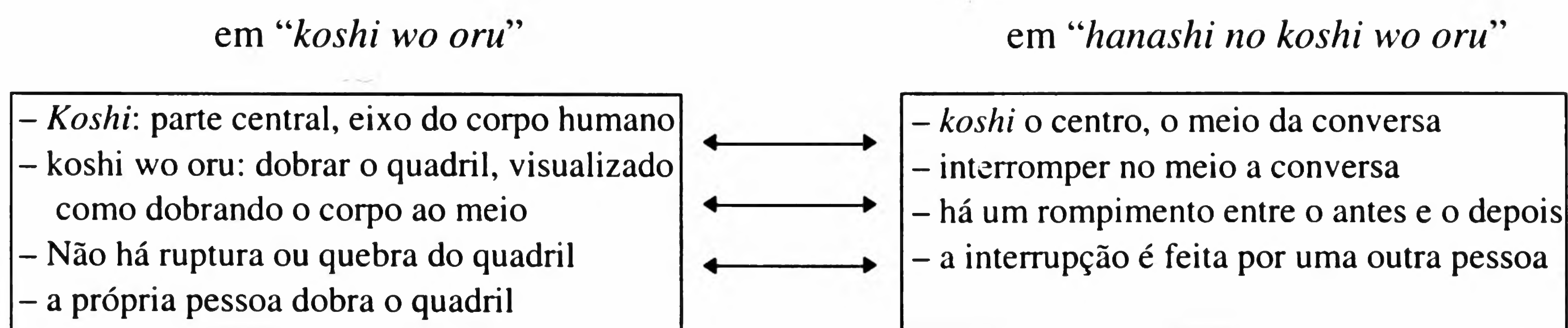
De acordo com dicionários de expressões idiomáticas e metafóricas¹⁶, verificou-se que há expressões convencionalizadas decorrentes tanto do sentido de “partir, quebrar” como de “dobrar”

10.1. Expressões metafóricas decorrentes de *oru* com sentido “quebrar, partir”

1. Hanashi no KOSHI WO ORU

Literalmente traduzível por “quebrar o quadril da conversa” tem o sentido de “cortar a palavra, interromper no meio a conversa de quem está falando”

Nessa construção a entidade “hanashi” (conversa) é entendida em termos de um objeto concreto, através da metáfora ontológica. *Koshi* (quadril, anca), no aspecto formal localiza-se no meio do corpo humano e funciona como o eixo que exerce o movimento de flexão do corpo, daí a transferência do aspecto “meio do corpo” para “meio da conversa” *Oru*, como vimos, tem o sentido básico de quebrar, partir um objeto fino e comprido, mas na expressão metafórica acima, o atributo “ruptura” não está ativado. Assim temos o seguinte esquema ilustrativo de um possível mapeamento entre os domínios “dobrar o quadril” e “quebrar o quadril da conversa” respectivamente:



Embora haja outros aspectos pertencentes ao cenário de cada domínio, apresentamos somente os mais pertinentes na análise. Também vale lembrar que o mapeamento de elementos do domínio fonte para o domínio-alvo, onde está sendo criada a expressão metafórica não ocorre de modo dicotômico como propõe Lakoff e Johnson mas em termos de combinação conceptual proposto por Fauconnier, onde no novo domínio podem surgir elementos ou aspectos inexistentes nos de origem. Por exemplo, no cenário

16. Muneo Inoue, *Kan-yôku jiten* (Dicionário de Expressões Idiomáticas), Tóquio, Sotakusha, 1992. Daiji Shiraishi, *Kan-yôku daijiten* (Grande Dicionário de Expressões Idiomáticas), Tóquio, Tôkyôdô, 1977.

de “*koshi wo oru*”, tem-se uma pessoa que dobra seu quadril, enquanto no cenário de “*hanashino koshi wo oru*” tem-se o mínimo de duas pessoas participantes, uma que está falando e outra que faz a interrupção; entre outros elementos distintos que fazem parte de cada cenário, respectivamente.

2. Kotoba no SAKI WO ORU

Variante da expressão anterior “*hanashi no koshi wo oru*” pode ser traduzida literalmente por “quebrar a ponta das palavras” mas tem o sentido de “dizer algo que faz com que a pessoa que está falando interromper sua fala” Aqui também “*kotoba*” (palavra) é conceptualizada como um objeto (metáfora ontológica) embora esteja ativado somente o atributo físico do objeto “comprido” mas não o “fino”. A experiência de se quebrar as pontas de um objeto comprido é transferida para expressar o ato de interromper as palavras que deveriam continuar até a frase ou o pensamento se completar.

(27) *Kimi wa hito no kotoba no saki wo otte bakari iru janai ka. Hito no hanashi wa saigo made kiku beki dayo.* (KANY)

“Você só fica interrompendo os outros. Você deve ouvir o que as pessoas dizem até o final.”

3. HONE WO ORU (forma transitiva) / HONE GA ORERU (forma intransitiva)

Literalmente significa “quebrar o osso” Essa expressão não tem o sentido de romper ou quebrar alguma parte do corpo mas de “ficar exausto devido a um grande esforço físico ou mental” Sejam dados os exemplos:

(28) *Oyajisan mo mô toshi wo torimashita node shigoto mo daibu hone ga oreru yôni narimashita.* (TAN:32)

“O velho (pai) também já está velho e, por isso, o trabalho passou a ser um tanto cansativo.”

(29) *Zenbun kaigyô nashi, kutôten nashi no roppyakumai de aru kara Joyce ya nouveau romance wo yomu yori hone ga oreru.* (KAZE:216)

“É um texto de seiscentas páginas todo sem parágrafos e pontuação, por isso, é mais cansativo do que ler um Joyce ou um romance *nouveau*.”

Como se pode verificar, no processo metafórico o mapeamento ocorre das entidades dos domínios mais concretos sobre os mais abstratos. Nessa expressão estamos fazendo a correspondência do domínio concreto do esforço e do trabalho físico dispendido para se concretizar uma determinada tarefa para o domínio do esforço mental ou psicológico utilizado para se realizar uma tarefa. De acordo com o conhecimento ou experiência concreta que temos, após um grande esforço físico, sentimos dores e fadiga nos músculos. Entretanto, quando a dor é muito intensa, sentimos até a parte central do corpo, isto é, até os ossos. Daí a expressão de se sentir como se “quebrasse o osso”

Vale ressaltar que de um cenário concreto de “quebrar ou partir um osso” nem todos os aspectos são transferidos na construção de um novo sentido. Neste exemplo

as características do objeto: fino e comprido e o rompimento do objeto não estão ativadas, sendo o principal aspecto transferido o fato de “ficar extremamente cansado”

Embora os exemplos encontrados estejam na forma intransitiva *oreru*, também há a forma transitiva *oru*, apesar desta forma ser ambígua pois pode ser interpretada em seu sentido literal, isto é, “quebrar, romper o osso de alguma parte do corpo”

4. KIBONE WO ORU (forma transitiva)/ KIBONE GA ORERU (forma intransitiva)

Variante da expressão acima, tem o sentido literal de “quebrar a alma, a cabeça, a vida, os nervos”, mas neste uso significa “ficar exausto psicologicamente, ficar fatigado, extenuado ao lidar com situações ou pessoas. A palavra *ki* é polissêmico e complexo mas pode ser traduzida nesse contexto por “espírito” “sentimento”

(30) *Aa, ore mo tsui kono aida made, konnna kotoni kibone wo oru hodo, ikuji no nai ningen ja nakattanodagana.* (KÔS:291)

“Ah, eu também, até há pouco tempo atrás, não era uma pessoa covarde a ponto de ficar estressado com essas coisas.”

5. MUDABONE WO ORU (forma transitiva)/ MUDABONE GA ORERU (forma intransitiva)

Variante das expressões acima, literalmente significa “quebrar osso perdido, quebrar o osso em vão” Expressa o resultado negativo do esforço dispendido para realizar uma tarefa. Utiliza-se tal expressão em situação em que embora tenha feito esforço, não obteve nenhum resultado positivo. Encontra-se tanto na forma transitiva como intransitiva.

(31) *Minna kara hinan sarete iru hito wo bengo shita tokorode, mudabone wo oru dakeda.*
“Fazer defesa de uma pessoa criticada por todos só vai ser um esforço em vão.”

10.2. Expressões decorrentes de *oru* com o sentido de “dobrar”

Na construção das expressões metafóricas e idiomáticas que se seguem, participam não somente metáforas conceptuais ou modelos cognitivos lingüísticos mas também *modelos cognitivos culturais*.

Os modelos cognitivos tratados até agora, representam o aspecto psicológico do conhecimento armazenado. É portanto, de caráter particular, advindas de experiências individuais, daí sua descrição envolver um grau considerável de idealização. Contrastando a esses modelos cognitivos idealizados (MCIs), os modelos culturais são compartilhados por outras pessoas pertencentes a um grupo social ou a sub-grupos. O modelo cognitivo cultural representa então, o conhecimento compartilhado coletivamente. Enquanto buscamos acessar os MCIs através da área da psicologia, os modelos culturais são acessados pela sociolingüística e antropologia. (Ungerer & Schimd, 1997:50-51).

Exemplificando, os modelos cognitivos culturais correspondem a diversos tipos de informações antropológicas, tais como modelos de casamento, de manifestação de raiva, de distinguir gêneros, de produzir ou detectar mentiras etc, que representam não somente as representações descritivas destas situações mas também as injunções normativas sobre como elas devem ser, constituindo-se, pois, modelos ideológicos. (Holland e Quinn, 1987)¹⁷

Portanto, padrões culturais também são construídos e organizados cognitivamente, refletindo também nas manifestações lingüísticas. Sejam dados os exemplos:

6. GA O ORU

Literalmente tem o sentido de “dobrar a si mesmo”, que significa metaforicamente “deixar de impor seu pensamento ou sua opinião e ceder ao do outro”

(32) *Ôtonosama mo tôô ga o orini natta to mieta, nigai kao wo nasutta mama, nanigoto mo naku oharadachi ni natte shimaimashita.* (JAS:162)

“O Grande Senhor Feudal também parece que acabou por ceder e, com uma expressão desgostosa, acabou por ficar irado sem ter acontecido nada.”

7. HIZA O ORU

Literalmente traduzível como “dobrar o joelho” mas aqui expressando “seguir, acompanhar, submeter-se a alguém.”

(33) *Sonna obiyakashi ni hiza o oruyôna hazukashii koto ga dekiruka.* (KANY)

“Não posso passar pelo vexame de dobrar o joelho (submeter-me) com tal ameaça.”

Para entender a construção de tais sentidos, há que se correlacionar a ação física de dobrar o joelho e a situação em que se realiza esse ato, isto é, o significado social e cultural subjacente a ele.

Segundo o biólogo Desmond Morris, autor do livro *Macaco Nu*, a posição baixa consiste em uma das posturas cujo efeito é de acalmar, de sossegar a ira do inimigo diante de uma ameaça ou intimidação: “o homem, semelhante a outros primatas, tem como reação básica de obediência ou submissão o movimento de se agachar, encolher ou de queixar-se ou lamentar-se. Baseado nesse instinto básico, o homem formalizou vários aparatos para mostrar obediência. Citam-se a ação de agachar-se, de encolher ou prostrar-se diante do senhor ou superior. Uma forma mais fraca de mostrar obediência é se ajoelhar ou cumprimentar dobrando o quadril ou ainda, inclinar o corpo para frente dobrando os joelhos. O sinal principal desta ação é o fato de abaixar o corpo com relação à entidade superior. Quando pretende ameaçar alguém, nós tendemos a esticar nosso corpo ao máximo fazendo-nos parecer mais alto. Assim, a ação de obediência ou submissão é exatamente o oposto, é necessário que posicione o corpo o mais baixo possível.”¹⁸

17. *Apud* Chiavegatto, 2002:200.

18. *Apud* Tada, 1972:40-41.

O biólogo Spencer¹⁹ também reforça essa proposição defendendo que a origem do ato de cumprimentar está no que se observa na natureza e história da humanidade. Segundo o autor, o homem pré-histórico não tinha dó do inimigo. Vencer o inimigo significava matá-lo. Entretanto, com o refinamento da cultura humana, passou a poupar a vida do inimigo, mas fazendo-o como escravo. Nessa ocasião, imitando seus predecessores mortos, os escravos se faziam de mortos. Em outras palavras, se prostravam perante os vencedores. Na base do ato de cumprimentar há a tradição dos tempos pré-históricos da pessoa atuar como um morto indefeso. Para os homens primitivos, o fato de ser grande e ser importante significava a mesma coisa. Por exemplo, havendo duas pessoas A e B, sendo que a A tem estatura mais baixa mas é mais importante, e a B, embora seja mais alta, seu status social é mais baixo que A. Se perguntar a uma pessoa não-culta quem é maior (mais alto), esta responderá ser a B, pois, concretamente a pessoa B é mais alta dando a impressão de imponência. Em francês, a palavra *gran* significa tanto grande de tamanho quanto de importância. Uma postura altiva é sempre intimidadora, e a postura mais baixa, de submissão. Daí decorre a percepção de que a pessoa intimidadora é mais alta e o submisso, mais baixo. Embora a postura tenha a conotação de subserviência é um dos valores arraigados na cultura japonesa.

Tada (1972) aponta um fato interessante da diferença da cultura japonesa e a européia, difícil de ser seguida pelos japoneses. Na Europa a etiqueta diz para se levantar imediatamente, caso esteja sentado na cadeira, no momento em que uma pessoa importante ou superior entre no recinto. Entretanto na percepção cultural dos japoneses, o fato de estar sentado já expressa uma posição inferior ou baixa com relação à pessoa superior que acabara de entrar, não julgando necessário se levantar. Como resposta ao ato de entrada de um superior, permanece sentado, atitude esta negativa a olhos europeus, pois, para eles, o fato de estar sentado significa estar em uma posição mais confortável do que a pessoa superior. Daí a necessidade de se levantar e endireitar sua posição para com respeito ao seu superior. O autor denomina tal diferença como a *cultura do sentado* (*za no bunka*) e a *cultura do de pé* (*tati no bunka*). Para os japoneses que se sentam no *tatami*, a posição sentada é normal não sendo associada à sensação de conforto. Assim, ao encontrar com uma pessoa superior, o japonês dobra o corpo uma vez ou repetidamente conforme o grau de reverência que se quer demonstrar. Para Tada, escolher a postura baixa é cultural não só do Japão mas dos países asiáticos em geral. (Tada:43-44)

Ilustrando, temos a seguinte situação real em caso de cumprimentar dobrando o corpo da posição em pé (figura na página seguinte).

19. *Idem*, pp. 42-43. O autor deve se referir ao biólogo Herbert Spencer, embora não tenha especificado na bibliografia.

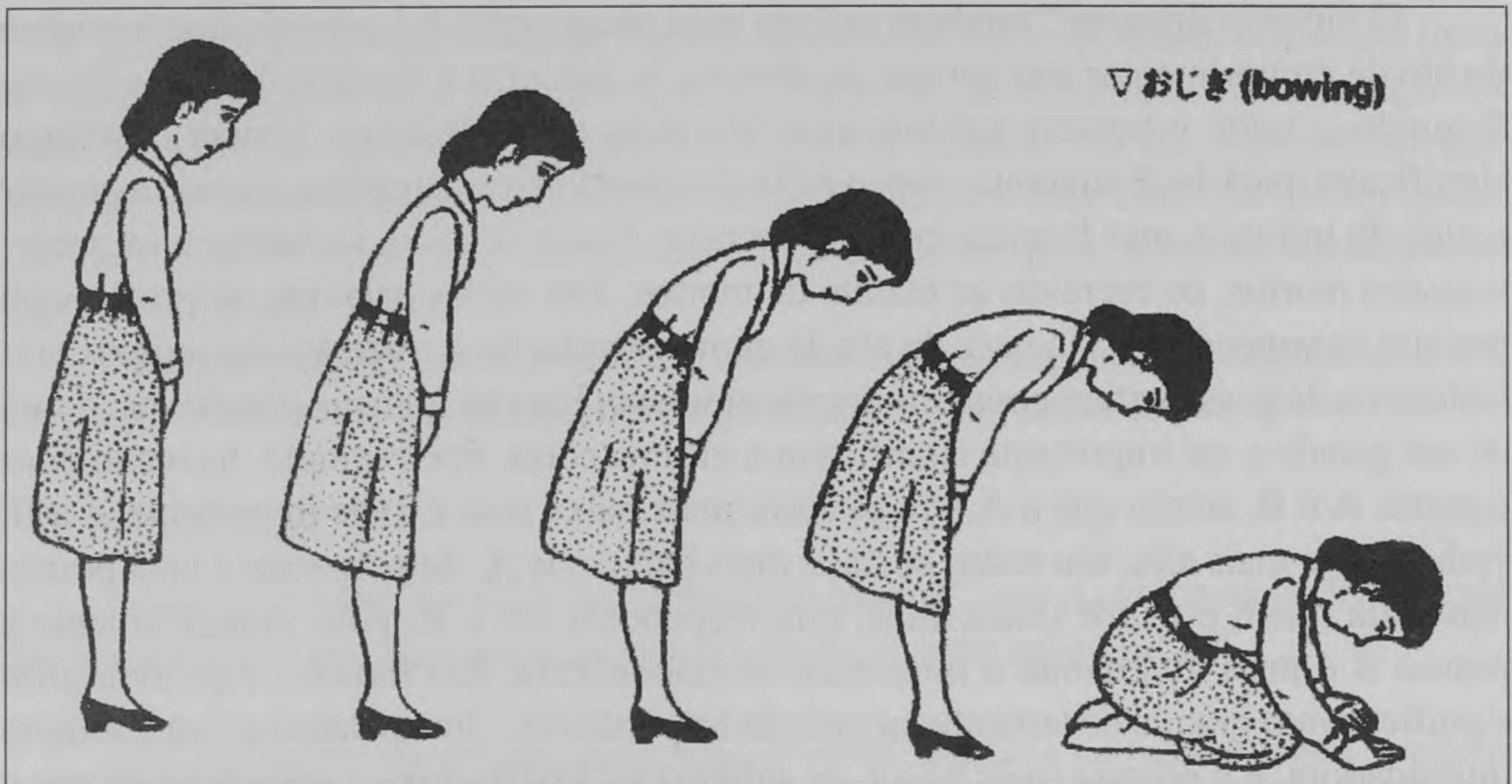


Figura 4 (*Japan as it is- a bilingual guide*, Gakken 1985:52)

Abaixo, ilustramos o cumprimento correto sentado no *tatami*:

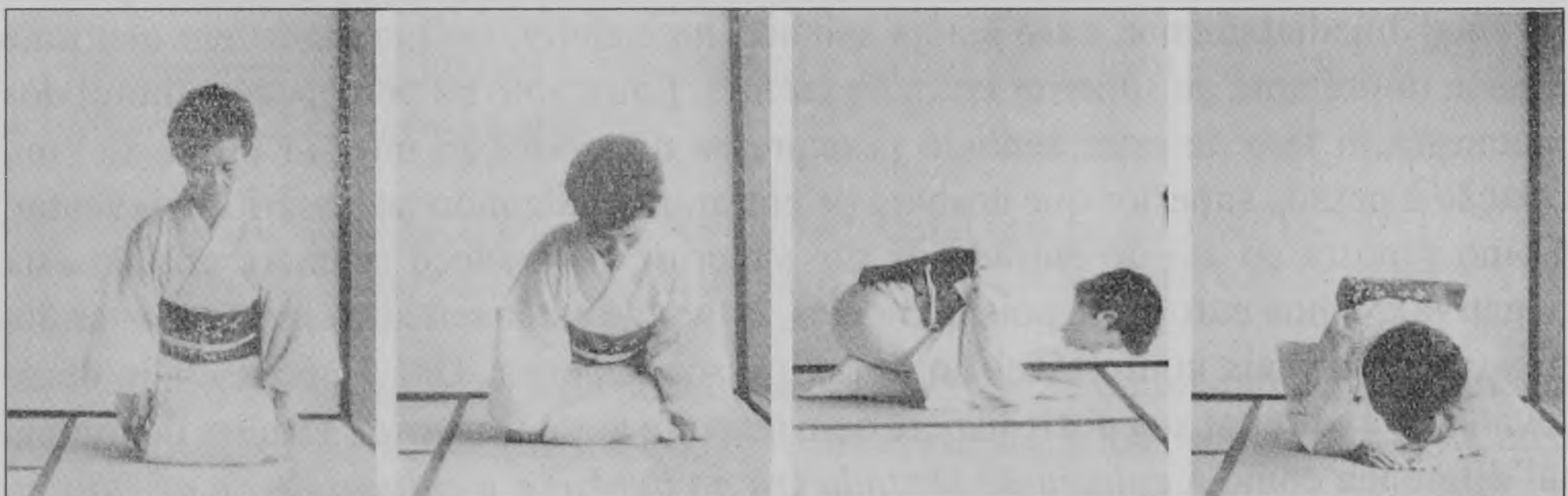


Figura 5 (*Nihon wo shiru jiten*, Shakaishisôsha, 1980:437)

Assim, social e culturalmente, o ato de dobrar os joelhos está associado ao conceito de submissão, de subordinação a um superior seja social ou psicologicamente. Exemplificando uma expressão extrema deste fato tem-se:

8. NANAE NO HIZA WO YAE NI ORU

Essa expressão é traduzível literalmente por “dobrar o joelho de sete para oito” significando “pedir algo ou pedir desculpas com extrema humildade”

9. KOKORO GA ORERU

Variante da expressão “*ga o oru*”, tem o sentido literal de “dobrar o coração”, focalizando o aspecto emocional de submissão ou cessão a outra pessoa.

(34) *Sasugano jijû mo kondo to iu kondo wa, tôtô kokoroga oreta to mieru. Tokaku onna to iu yatsu wa, mono no aware wo kanjiyasui kara na.* (KÔS:297)

“Até a camareira, desta vez, parece que dobrou o coração. Seja como for, o ser chamado mulher sente facilmente o patos (encanto, patético) das coisas.”

10. TSUNO WO ORU

Literalmente traduzível por “dobrar o corno” ou “quebrar o corno” nesta construção tem o sentido de “dobrar” isto é, de amansar outrem.

(35) *Kare mo yôyaku tsuno wo otte hanashiai ni ôjite kureta.* (KANY)

“Ele também, finalmente, mudou sua posição intransigente e atendeu à conversa.”

O corno ou chifre constitui um apêndice rígido e recurvo que guarnece a frente de alguns animais²⁰, simbolizando a força. Com a cabeça ereta, o chifre faz o animal parecer altivo e forte, portanto, dobrar ou quebrar o chifre simboliza o ato de destituir o animal do instrumento que representa sua força e altivez. Assim, na expressão acima, tem o sentido de destituir uma pessoa de sua aparente força e esta, torna-se menos prepotente e mais acessível. Em outras palavras, de uma posição intransigente, a pessoa muda para uma atitude mais colaboradora.

10. HANA WO ORU ou HANAPPASHIRA WO HESHIORU

Literalmente é traduzível por “quebrar o nariz” Diferentemente do português, não significa bater ou partir para briga física mas aprontar algo para alguém muito convencido e fazê-lo passar vergonha.

(36) *Kôhai no kuse ni zuibun namaiki dakara kikai wo toraete hana wo otte yarô.*

“Sendo um aluno novato é muito atrevido, por isso, vamos pegar uma oportunidade e fazê-lo passar vergonha.”

O nariz simboliza o “eu” sendo assim, o nariz empinado simboliza uma pessoa extremamente individualista, cheia de si mesmo. No ato de dobrar ou quebrar o nariz, focaliza o aspecto de quebrar o “eu”, de destruir o “eu” o que, em termos de comportamento social, uma das formas de acabar com o convencimento de alguém é fazer o oposto, isto é, fazê-lo passar vergonha.

Como pudemos verificar pelos exemplos acima, a expansão do sentido de um significado básico é motivada pelos processos figurativos através dos quais são construídos novos significados (Chiavegatto, 2002). A metáfora está subjacente no cotidiano não apenas em expressões lingüísticas mas também no pensamento e nas ações. Nesse sentido, o nosso sistema conceptual desempenha um papel central em definir as realidades cotidianas. Enfim, o modo como pensamos, experimentamos e agimos muitas vezes estão baseados no fenômeno metafórico (Lakoff e Johnson, 1980).

20. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, *Novo Aurélio Século XXI: o Dicionário da Língua Portuguesa*, 3ª ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999:558.

11. Construções Gramaticais Motivadas Cognitivamente

Na visão cognitivista, a Gramática não é um produto independente dos processos cognitivos. Pode-se dizer que outra contribuição da Linguística Cognitiva encontra-se em seu modelo ser capaz de explicar fenômenos não somente lexicais e morfológicos, mas também sintáticos, todos baseados em estruturas conceituais comuns, diferindo apenas nos aspectos focalizados. (Ungerer e Schmid:1997) Pesquisadores na área da gramaticalização têm encontrado evidências substanciais de que as formas gramaticais emergem de formas lexicais e o significado gramatical evoluiu do significado lexical, de modo integrado às relações entre cognição e linguagem. (Chiavegatto:2002). Em nosso trabalho restringiremos aos aspectos da *causatividade* e *transitividade*, pertinentes na conceptualização do conceito de *oru*, considerado como um evento do tipo causativo.

11.1. O fenômeno da causatividade

Os conceitos primitivos que subjazem nas situações causativas são as categorias cognitivas de: “agente”, dependente da “intenção” e “volição”

Segundo Talmy há alguns tipos diferentes de *causatividade* que são lexicalizados na língua (2001:69-70). Alguns verbos incorporam apenas um tipo de causatividade enquanto outros incorporam vários. Os tipos podem ser:

- a. Evento autônomo não-causativo (Não implica que há uma causa). Ex: O vaso quebrou.
- b. Causatividade resultante-do-evento (ênfase ao evento, resultado necessariamente de um outro evento, pois caso contrário não teria ocorrido). Ex: O vaso quebrou devido a bola que rolou sobre ela.
- c. Causatividade evento-causador (ênfase no sujeito como causador do evento). Ex: Uma bola rolando sobre o vaso quebrou-a.
- d. Causatividade por instrumento (ênfase no objeto dentro do evento causativo que realmente impinge no elemento afetado do evento resultante). Ex: Uma bola quebrou o vaso (rolando sobre ela).
- e. Causatividade por autor (com o resultado não-intencional). Ex: Eu quebrei o vaso ao rolar a bola sobre ela.
- f. Causatividade por agente (com resultado intencional). Ex: Eu quebrei o vaso rolando a bola sobre ela.
- g. Causatividade submetida (não-causativo; semelhante ao do autor(e) que não teve a intenção do evento mencionado, como também não teve a intenção de se submeter-se a nenhuma ação que culminasse no evento). Ex: Eu quebrei meu braço quando caí.
- h. Causatividade agentivo-reflexivo. Ex: Eu andei até a loja.
- i. Causatividade induzida. Ex: Eu o mandei à loja.

O verbo *oru* com o sentido de “quebrar” incorpora os seguintes tipos de causatividade: autônomo (a), resultante-do-evento (b), (c) (e), (f) e (g), podendo sele-

cionar uma leitura causativa em particular, do não causativo aos diferentes causativos onde diferentes elementos do evento são enfocados. Assim temos:

- (a) *Enpitsu no shin ga oreta.* (A mina do lápis quebrou.)
- (b) *Enpitsu wo otoshite shin ga oreta.* (Derrubei o lápis e a mina quebrou.)
- (c) *Kodomo wa enpitsu wo maguete futatsu ni otta.* (A criança dobrou o lápis em dois e o quebrou.)
- (e) *Enpitsu wo otoshite otte shimatta.* (Derrubei o lápis e ele quebrou.)
- (f) *Kodomo ga enpitsu o wazato otoshite shin wo otta.* (A criança derrubou o lápis de propósito e o quebrou.)
- (g) *Enpitsu wo otoshite orete shimatta.* (Derrubei o lápis e ele quebrou.)

Por outro lado, o verbo *oru* com o sentido de “dobrar” incorpora somente o tipo de causatividade agentiva (f). Como reflexo disso, deriva a seguinte estruturação sintática:

- (f) *Kami wo futatsu no otta.* (“Dobrei o papel em dois.”)

Vale lembrar que para o sentido de “dobrar” não é possível o uso de causatividade autônoma como ilustram os exemplos abaixo:

- * *Furoshiki ga orete tatandearu.* (O pano está dobrado.)
- * *Tsuru ga oreteiru.* (O grou está dobrado.)
- * *Shimbun ga oreta.* (O jornal dobrou.)

Assim, a forma intransitiva onde está presente somente o objeto afetado e o resultado da ação, é possível somente para o sentido de “quebrar”

11.2. Transitividade e Intransitividade

Uma importante categoria semântica relacionada à categoria de causatividade, mas muitas vezes tratadas incorretamente como fundidas nela é a “representação” dos participantes do evento ou *personificação* (*personation*) O mesmo conteúdo de ação pode ser manifestado com um participante (*monádico*) ou dois participantes (*diádico*) envolvidos no evento (Talmy:2001)²¹. Uma raiz verbal pode ser lexicalizada para apenas um tipo de personificação e utilizando-se de um acréscimo gramatical para expressar o tipo opositor, ou pode percorrer pelos dois tipos. Ex:

Monádico	Diádico
Eu peguei uma sobremesa da cozinha.	Eu peguei uma sobremesa da cozinha para Sue.
Eu me servi de sobremesa da cozinha.	Eu servi (à Sue) uma sobremesa da cozinha.

21. Talmy (2001:89) define “*personation*” como o parâmetro concernente ao papel estrutural atribuído à ação. Pode ser *monádico*, isto é, ação sobre o corpo ou os movimentos de um único ator, ou *diádico*, com o corpo do ator atuando sobre o do outro participante.

Uma ação de um evento pode ser conceptualizada esquematicamente como um “*envoltório*” “Se a ação dentro do envoltório incluindo-se o ator, a ação e toda a atividade causal conectando os dois elementos, afeta alguma entidade fora do envoltório, então tal complexo ideacional é entendido como diádico e a frase que o representa será prototipicamente como sintaticamente transitivo. Mas se o envoltório inclui todo o complexo ideacional (separado de qualquer elemento acessório compreendidos como não-afetados pela ação dentro do envoltório), então o complexo ideacional será entendido como monádico e a frase que o representa será prototipicamente como sintaticamente intransitivo”²².

Cita-se como exemplo de verbo diádico: “*The girl is beating the drum*” A raiz do verbo “*beat*” inclui o ator e a ação, implica a presença de um objeto afetado/paciente mas, literalmente, expressa somente a ação.

Como exemplo de verbo monádico temos “*The girl is drumming*” em que a raiz do verbo “*drum*” já inclui o objeto.

No caso de *oru* com o sentido de “quebrar” ou “partir”, implica a presença de um objeto afetado pela ação mas pode não focalizar a ação e o ator, o que decorre uma construção sintática intransitiva ou transitiva, no caso de focalizar o ator, a ação e o objeto. Por outro lado, *oru* com o sentido de “dobrar” implica a presença do ator, a ação e a presença do objeto afetado, sendo sintaticamente construído na forma transitiva. Entretanto, em termos de personificação, ambos são monádicos com apenas um tipo de personificação e utilizando um acréscimo gramatical para expressar o opositor ou aquele que recebe a ação.

Ao analisar expressões na língua japonesa há que se ressaltar a presença de restrição para o tipo do objeto que vai ocupar o lugar de sujeito da frase, o que não ocorre de modo acentuado no português. Segundo Tsunoda (1991:39), há na língua japonesa uma gradação na preferência de entidades que podem ser o agente da ação, conforme o esquema abaixo:

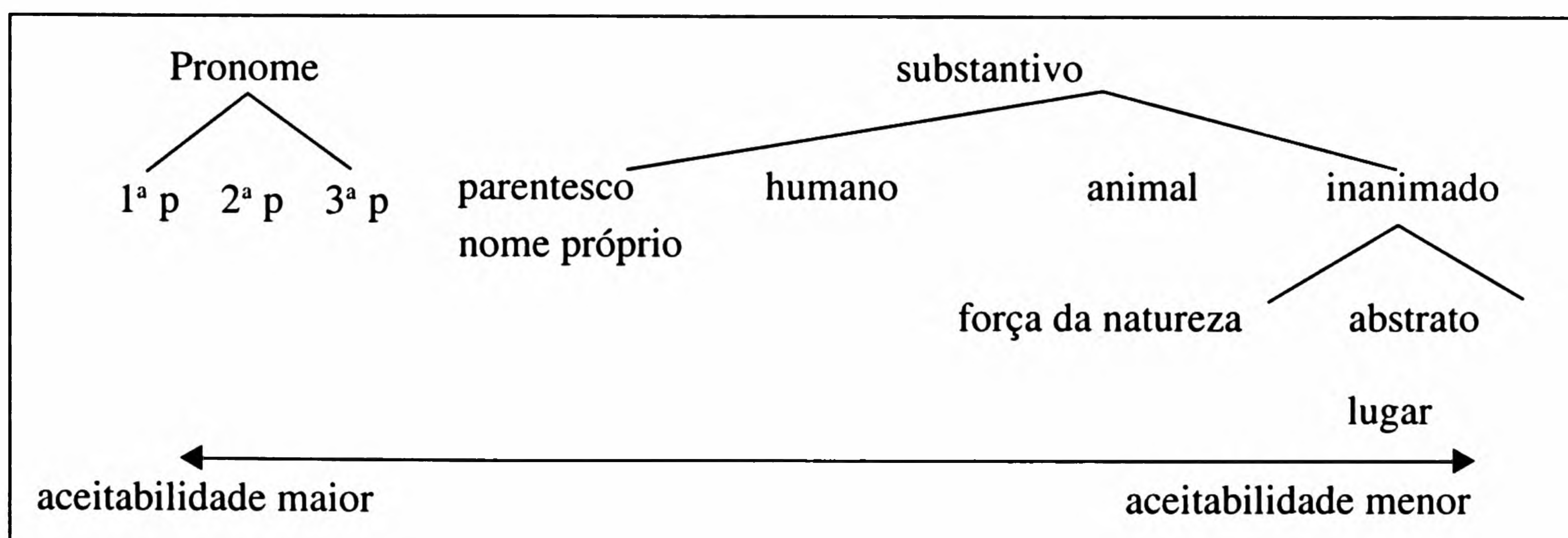


Figura 6

Ou seja, os pronomes de 1ª, 2ª e 3ª pessoa respectivamente, têm a tendência maior de serem expressos como agentes da ação, seguida pelo substantivo que expressa

22. Talmy, 2001, vol. II:92.

parentesco (pai, mãe etc.) ou nome próprio, substantivo que expressa o ser humano (homem, mulher etc.), em seguida, substantivo que expressa um ser animal (cachorro, gato etc.) e, por fim, substantivo que expressa ser inanimado, incluindo os que expressam força da natureza (chuva, vento etc.) e os que expressam entidades abstratas (sonho, imagem etc.) ou nome de lugar (Brasil, Japão, São Paulo etc.). Esta seria, então, a ordem de aceitabilidade do que pode ocupar o lugar de sujeito da frase. Preferência esta que foi confirmada nas entrevistas com informantes japoneses.

Assim, a escolha da forma transitiva (*oru*) ou intransitiva (*oreru*) é determinada também pela natureza do objeto que ocupa o sujeito da ação. Por exemplo, a frase (37) abaixo causa estranheza ao falante nativo japonês, sendo preferida a construção (38):

(37) *Tsuyoi kaze ga eda wo otta.*

“O vento forte quebrou/partiu o galho.”

(38) *Tsuyoi kaze de (ou ni yotte) eda ga oreta.*

“Com (ou devido a) o vento forte, o galho se quebrou/partiu”.

Em outras palavras, objetos inanimados ou fenômenos naturais (chuva, furacão, raio etc.) dificilmente ocupam a posição de sujeito da frase, exceto quando estão personificados, como ocorrem nas histórias infantis, ou quando implicitamente estão mediando a ação, cuja responsabilidade está no homem. Portanto, o padrão sintático na forma transitiva (*oru*) é utilizado quando o sujeito da frase é um ser animado e, quando este é inanimado, prefere-se a construção com verbo intransitivo (*oreru*) estando o objeto ocupando a posição de complemento verbal de meio ou instrumento da ação, ou ainda, focalizando somente o objeto da ação.

12. Considerações Finais

A ciência cognitiva busca estudar como a mente humana funciona, como recebe informações por meio dos sentidos e como os processam juntamente com as informações já classificadas e armazenadas na memória. Baseado nessa concepção, o significado passa a ser investigado do aspecto de sua construção através de estruturas cognitivas (MCI, esquemas imagéticos, modelos culturais entre outros) que fazem a ponte entre a linguagem e a mente (cognição) que a processa.

A abordagem cognitivista permite analisar o significado de forma mais abrangente, fornecendo caminhos para descrever as possíveis e complexas relações que se estabelecem a partir do sentido central ou básico de uma palavra, ou ainda, permite descrever a construção de infinitos sentidos que emergem nos contextos. Em outras palavras, possibilita explicar os variados *links* que dão origem a diferentes sentidos em cada contexto que atualiza, o que não ocorre de modo arbitrário ou acidental, pois estão firmemente baseados nos processos cognitivos que precedem na mente ou na natureza das interações em que se processam a construção do sentido.

Através dos exemplos com *oru*, verificou-se que seus usos diferentes ativam somente certas faces do cenário de *oru*. Por exemplo, vimos que o objeto afetado de

oru, com o sentido de “quebrar” ou “partir” tem de ser um objeto fino e comprido como: mina (grafite) do lápis, bastão de baseball, haste da flor, macarrão tipo *spaghetti*, osso da perna etc. Tal aspecto não está ativado nas expressões metafóricas como nos exemplos (27) a (31.), bem como em *oru* com o sentido de “dobrar” ou ainda, em “quebrar” ou “partir” do português. Daí decorre o caráter inerentemente flexível do significado por ser construído em contextos específicos de uso.

No processo de construção dos sentidos de *oru*, vimos também que nossas experiências física e cultural fornecem bases para a construção de significados, além de muitas construções lingüísticas serem resultados de figurações conceituais, de experiência do corpo humano interagindo no espaço para representação de conceitos mais abstratos.

A abordagem cognitivista permite ainda explicar fenômenos de estruturação sintática, isto é, o porquê se apresentam como tal, pois também são reflexos de processos cognitivos que interpretam a realidade.

Nosso objetivo foi analisar o processo de construção do significado de *oru* estendendo à algumas construções metafóricas do tipo convencionalizadas, embora a riqueza deste processo possa ser melhor visualizada estendendo às metáforas emergentes, tarefa esta a ser deixada para futuras oportunidades.

Conforme Chiavegatto (2002:174) bem coloca “muitas invenções ou construções criativas nas línguas são decorrentes da expansão de um sentido básico de um determinado item lexical para referir-se a outro domínio mais abstrato da experiência. [...] As formas lingüísticas não são envólucros de significados, mas guias para construção mental das significações”

Bibliografia

- CHIAVEGATTO, Valéria Coelho. “Gramática: Uma Perspectiva Sociocognitiva”. In CHIAVEGATTO, V. C. (org.). *Pistas e Travessias II*. Rio de Janeiro, Ed. UERJ, 2002, pp. 131-212.
- CRUSE, D. Alan. *Meaning in language: an introduction to semantics and pragmatic*. Oxford, Oxford University Press, 2000.
- FAUCONNIER, Giles. *Mental spaces: aspects of meaning construction in natural languages*. Cambridge, Cambridge University Press, 1994 (1ª publicação em 1985).
- FAUCONNIER, Giles & TURNER, Mark. *The way we think: conceptual blending and mind’s hidden complexities*. New York, Basic Books, 2002.
- JACKENDOFF, Ray. *Semantics and Cognition*. Cambridge, MIT Press, 1993.
- KOVĚCSES, Zoltan. *Metaphor: a practical introduction*. New York, Oxford University Press, 2002.
- LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago, Chicago University Press, 1980.
- LAKOFF, George. *Women, Fire and Dangerous Things: what categories reveal about the mind*. Chicago, Chicago University Press, 1987.
- LANGACKER, Ronald. *Foundations of cognitive grammar*. Vol. 1. Stanford, Stanford University Press, 1987.
- LOBATO, Lucia M. P. *A Semântica na Lingüística Moderna: O Léxico*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.

- LÖBNER, Sebastian. *Understanding Semantics*. London, Arnold, 2002.
- MORITA, Yoshiyuki. *Kiso nihongo jiten*. (Dicionário Básico Japonês), 5ª ed., Tóquio, Kadokawa, 1993.
- OKATA, Grace Rie. Dissertação de mestrado apresentada junto à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, não publicada, 2001.
- _____. “As Expressões Metafóricas de *Quebrar* e *kowasu*: Um Estudo Contrastivo entre o Português e Japonês sob a Perspectiva da Semântica Cognitiva”. Publicado nos Anais do XIV Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa, Unesp, 2003, pp. 233-245.
- SALOMÃO, Maria Margarida M. “A Questão da Construção do Sentido e a Revisão da Agenda dos Estudos da Linguagem”. In *Revista Veredas*, vol. 3, n. 1, Juiz de Fora, pp. 61-79.
- SEUREN, Pieter A. M. *Western Linguistics – an historical introduction*. Oxford, Blackwell, 1998.
- SUGUIMOTO, Koji. *Imiron 2: Ninchi Imiron* (Semântica Cognitiva). Tóquio, Kuroshio, 1998.
- SWEETSER, Eve. *From Etymology to Pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge, Cambridge University Press, 1991.
- TADA, Michitarô. *Shigusa no nihon bunka* (A Cultura Japonesa do Agir). Tóquio, Chikuma Shobô, 1972.
- TALMY, Lenard. *Toward a Cognitive Semantics*. Vol. I: *Concept structuring systems*; Vol. II: *Typology and process*, 2ª ed., Londres, MIT Press, 2001.
- TAYLOR, John R. *Cognitive Grammar*. Oxford, Oxford University Press, 2002.
- TSUNODA, Tasaku. *Sekai no gengo to nihongo*. (As Línguas do Mundo e o Japonês), Tóquio, Kuroshio, 1991.
- ULLMANN, Stephen. *Semântica*. Lisboa, Ed. Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.
- UGERERER, Friedrich & SCHMID, Hans-Jörg. *An introduction to Cognitive Linguistics*. 2ª ed., London, Longman, 1997.

Exemplos de Frases Retiradas da Coletânea

Shinchô bunko no 100 satsu (100 Obras do Shinchô) ed. CD-Rom, Tóquio, Shinchôsha, 1995.

Símbolos Adotados para Identificação das Obras dos Exemplos

JAS	AKUTAGAWA Ryûnosuke “Jashûmon”
KÔS	AKUTAGAWA Ryûnosuke “ <i>Kôshoku</i> ” (“Sensualidade”)
SUNA	ABE Kôbô “ <i>Suna no onna</i> ” (“A mulher da areia”)
KURO	IBUSE Masuji “ <i>Kuroi ame</i> ” (“A chuva negra”)
BUN	INOUE Hisashi “ <i>Bun to Fun</i> ” (“Bun e Fun”)
UMA	ARISHIMA Takeo “ <i>Umareizuru nayami</i> ” (“A preocupação que nasce”)
KUS	“ <i>Kussetsu</i> ” (“Sinuosidade”)
KAZE	ITSUKI Hiroyuki “ <i>Kaze ni fukarete</i> ” (“Levado pelo vento”)
TAN	“ <i>Tanishi chôja</i> ” Nihon no mukashi banashi (“Estórias antigas do Japão”)
ISS	SAWAKI Kôtarô <i>Isshun no natsu</i> (“O verão de um instante”)
PAN	KAIKÔ Ken <i>Panikku hadaka no ôsama</i> (“Pânico: o rei nu”)